

Angústia e Ma-Fé no O SER e O NADA de Sartre

Autores

marcio Danelon
Jose Lima Junior

Apoio Financeiro

Fap

1. Introdução

A obra *O Ser e o Nada* (1943) de Jean-Paul Sartre emerge como pedra de toque num período de sua produção filosófica. Nesta obra, Sartre parte do postulado fenomenológico de Husserl de que toda consciência é consciência de alguma coisa, ou seja, a consciência é posicional. Quando, em *O Ser e o Nada*, transfere o foco da visada da consciência posicional do mundo das coisas materiais, denominado por ele de *Em-si*, para o mundo da consciência, denominado de *Para-si*, constata que a consciência posicional não pode ser consciência posicional de si mesma. O ato interrogativo que a consciência inaugura sobre si mesma, perguntado pelo seu próprio ser, numa atitude de reflexão (voltar-se para si mesmo), remete-a a constatação de que o nada habita seu ser. Assim, a consciência, ao colocar-se a si mesma como objeto, nadifica seu ser. Dessa feita, a consciência, em Sartre, é cheia de nada. É nesse sentido que Sartre irá definir a consciência humana como aquilo que é o que não é, e não é o que é, ou seja, a consciência humana é nada.

Essa constatação sartreana remete ao problema fundante da condição humana: o homem está cercado pela nadificação, pelo niilismo. Não aquele nada que vem de fora, como decadência dos valores morais e/ou religiosos, mas o nada que vem de dentro do próprio homem e do qual ele não pode fugir e com o qual tem que se haver em todos os momentos de seu cotidiano. Nesse caso, não há uma interioridade ou uma substância na qual o homem pode se agarrar dando-lhe sentido para sua existência. O homem está só no meio do mundo, condenado a construir a partir de si mesmo, ou seja, a partir do nada de seu ser, sua própria existência. É nesse cenário de solidão e de ausência de sentido ou de referenciais éticos, religiosos ou políticos que a atitude de má-fé pode emergir como uma solução para a nadificação do homem. Refugiar-se na má-fé como uma atitude de fuga do nada de ser, surge como uma possibilidade real para a condição humana. É nesse cenário que queremos discorrer sobre as reflexões de Sartre sobre a má-fé: como uma possibilidade humana diante do nada de ser.

2. Objetivos

Constituem-se como objetivos neste texto retomar, num primeiro momento, as reflexões de Sartre sobre a consciência humana, demarcando sua conclusão que remete a conceituação da consciência como vazia de qualquer conteúdo e, num segundo momento, remontar o conceito de má-fé como uma atitude humana possível diante do nada de ser. Para isso, faremos uso principalmente da obra *O Ser e o Nada* como lugar privilegiado em que Sartre efetua suas reflexões sobre os conceitos de consciência e de má-fé.

3. Desenvolvimento

Para Sartre, a consciência não se define como uma plenitude fechada em si mesma, opaca e maciça. Pelo contrário, bebe do princípio da fenomenologia husserliana de que a consciência se define como uma consciência posicional: "Com efeito, a consciência define-se pela intencionalidade. Pela intencionalidade, ela transcende-se a si mesma, ela unifica-se escapando-se" (SARTRE, 1994, p. 47). Ora, dizer que a consciência é posicional significa que a consciência toma o objeto que está fora dela, no mundo, como objeto para a consciência. Nesse sentido, a consciência é abertura para os objetos que estão soltos no mundo, e que o mundo todo está, necessariamente, fora da consciência.

A reflexão ontológica sobre o princípio fenomenológico da intencionalidade da consciência é retomada com maior densidade em *O Ser e o Nada*, publicado em 1943. Ali, encontramos o resultado da maturação filosófica de Sartre, quando insere a intencionalidade numa dimensão da ontologia antropológica do ser do ser humano. Se, de acordo com o princípio da fenomenologia, a consciência é sempre posicional, então ela sempre tem por seu ser um objeto que não é ela mesma. Dito de outra forma, a consciência, ao visar os objetos que estão no mundo, deflagra a percepção de que "em-si" ela nada pode encontrar, exatamente por estar todo o mundo fora dela. Assim, para Sartre, a intencionalidade da consciência traz em seu bojo o fato de o mundo estar fora da consciência, ou que a consciência é sempre falta: "Toda consciência é *falta de... para...*", (SARTRE, 1997, p. 153) ou ainda, que na consciência não há conteúdo porque ela é abertura para o mundo atrás de sua essência: "O primeiro passo de uma filosofia deve ser, portanto, expulsar as coisas da consciência e restabelecer a verdadeira relação entre esta e o mundo, a saber, a consciência como consciência posicional do mundo". (SARTRE, 1997, p. 22)

Como abertura para o mundo, emerge para a consciência a impossibilidade de ser abertura ou posicionalidade para si mesma. Isso quer dizer que a posicionalidade da consciência para si mesma é uma impossibilidade e um problema que encontra sua reflexão naquilo que Sartre denominou de presença a si:

Ao contrário, a presença a si pressupõe que uma fissura impalpável deslizou pelo ser. Se o ser é presença a si significa que não é inteiramente si. A presença é uma degradação imediata da coincidência, pois pressupõe separação. Mas, se indagarmos agora '*que é que separa o sujeito de si mesmo?*', seremos obrigados a admitir que é *nada* (SARTRE, 1997, p. 126).

A presença da consciência diante de si instaura a distância de si com relação a si mesma, distância esta definida como nada de ser, conforme afirma Sartre: "O Ser da consciência, enquanto consciência, consiste em existir à *distância de si* como presença a si, e essa distância nula que o ser traz em seu ser é o Nada" (SARTRE, 1997, p. 127). Dessa forma, não há, na leitura ontológica da realidade humana, nenhum ser que determine aquilo que a consciência é. Impossível definir seu ser, posto que seu ser é nada, a consciência se caracteriza tão somente como abertura para o mundo, uma abertura que é refratária de toda realidade que habita o mundo, conforme afirmar Sartre: "Nenhuma categoria pode 'habitar' a consciência e nela residir como coisa" (SARTRE, 1997, p. 52). Por fim, a consciência somente pode emergir no mundo através da nadificação de seu ser como sendo a possibilidade própria do ser da consciência: "O nada é a possibilidade própria do ser e sua única possibilidade [...] A realidade humana é o ser, no seu ser e por seu ser, enquanto fundamento único do nada no coração do ser" (SARTRE, 1997, p. 128).

A tese sartreana do nada da consciência nos conduziu a um conceito importante na filosofia existencialista de Sartre, a saber, o conceito de angústia. Ora, no *Existencialismo é um Humanismo*, Sartre define o homem como angústia, que brota exatamente pela condição humana ser nadificada em seu próprio ser. De fato, pelo nada de ser o homem se constitui num ser jogado no meio do mundo, obrigado a conviver, em sua solidão de ser, com a angústia de nada ser. O desamparo, assim, é condição perene na realidade humana, como um ser sem nenhum fundamento para seu ser nadificado.

O nada da consciência nos revelou, também, um outro problema antropológico presente na filosofia sartreana: a incapacidade humana em conviver com o vazio de ser. Frente a essa situação, para Sartre, o ser humano deve, necessariamente, tomar atitudes. Perante o nada de sua consciência e a ausência de fundamentos que justifiquem seus projetos, o homem toma atitudes que objetivam amenizar o drama da nadificação da consciência. Em outras palavras, uma atitude natural do homem frente ao desconforto é, para Sartre, o de mascarar essa situação, na tentativa de enganar-se a si próprio para fugir desta facticidade. Nas palavras de Sartre:

Mas a fuga da angústia não é apenas empenho de alheamento ante o devir: tenta, além disso, desarmar a ameaça do passado. Neste caso, tento escapar de minha própria transcendência, na medida em que sustenta e ultrapassa minha essência. Afirmando que sou minha essência à maneira de ser do Em-si. [...] Ficção eminentemente tranquilizadora, pois a liberdade estaria enterrada no seio de um ser opaco: na medida em que minha essência não é translucidez e é transcendente na imanência, a liberdade se torna uma de suas propriedades (SARTRE, 1997, p. 87).

Essa atitude constitui-se, fundamentalmente, em negar o nada da consciência e instituir uma essência na existência, de forma que a essência a preceda. Isso significa que as escolhas feitas, o sentido da existência e do mundo, as justificativas dos projetos se encontram, *a priori*, na essência. Dessa essência emanam as luzes que guiam o sujeito em sua existência. Esta atitude é sedutora, pois tira do próprio sujeito as responsabilidades de suas escolhas, dando-lhe a possibilidade de desculpas pelos infortúnios da existência.

Nessa perspectiva, para Sartre, o fato do ser humano ser sua própria angústia, sem dela poder fugir, remete o homem ao mascaramento dessa angústia e a supressão de sua liberdade. Essa atitude, como não podemos nos furtar tanto da liberdade quanto da angústia, só pode se constituir numa atitude de mentira, de engano. Ou seja, é somente no ato de enganar a si próprio que o homem pode desenvolver a crença de que não é angústia e sim, uma essência, um fundamento guiando sua existência. Essa atitude de mascaramento do nada de ser e da angústia é definida por Sartre como atitude de má-fé.

Sartre chamará essa atitude de má-fé, pois é pela má-fé que o homem pode acreditar na possibilidade da fuga da angústia e da responsabilidade pela sua existência. Sartre conceitua dessa forma a má-fé: "Aceitemos que má-fé seja mentir a si mesmo, desde que imediatamente se faça distinção entre mentir a si mesmo e simplesmente mentir" (SARTRE, 1997, p. 93). A despeito disso, o ser humano deve se haver com seu cotidiano, ou seja, indiferente aos acontecimentos do mundo, o homem deve fazer seus projetos rumo ao ser e se haver com sua existência, enfim. Isso fica claro nas palavras de Sartre:

Fugir da angústia e ser angústia, todavia, não podem ser exatamente a mesma coisa: se sou minha angústia para dela fugir, isso pressupõe que sou capaz de me desconcentrar com relação ao que sou, posso ser angústia sob a forma de 'não sê-la', posso dispor de um poder nadificador no bojo da própria angústia. Esse poder nadifica a angústia enquanto dela fujo e nadifica a si enquanto *sou angústia para dela fugir*. É o que se chama de *má-fé*. (SARTRE, 1997, p. 89)

E, mais adiante: "Convém escolher e examinar determinada atitude que, ao mesmo tempo, seja essencial à realidade humana e de tal ordem que a consciência volte sua negação para si, em vez de dirigi-la para fora. Atitude que parece ser a *má-fé*" (SARTRE, 1997, p. 93). A partir disso, constatamos que a má-fé constitui-se numa atitude possível diante do vazio de ser que habita a realidade humana. Como fuga do nada de ser e da angústia, o homem refugia-se numa atitude que nega sua condição ontológica. A má-fé emerge como uma atitude plausível porque permite ao homem encontrar um refúgio diante do deserto de seu ser. Refugia-se, assim, em ideologias, éticas ou religiões que preenchem sua condição nadificada, dando-lhe um norte para a existência, um sentido, uma causa e um fim. O ser humano refugia-se na má-fé para explicar o próprio fato de existir, diante da aterradora realidade de não ter uma justificativa para si mesmo.

4. Resultados

A concepção antropológica trazida pela ontologia existencialista de Sartre pontua a realidade humana sitiada pelo nada, pelo vazio de ser que conduz, nesse caso, à angústia. O homem é angústia diante do nada da consciência. Como resposta ao nada e à angústia, o homem toma atitudes de fuga dessa realidade, caracterizada por Sartre com o conceito de má-fé. Ora, a má-fé se torna uma postura freqüente na condição humana. Encontramo-la, por exemplo, quando assumimos uma identidade ou definimos nosso ser de alguma forma. Como o exemplo do garçom, trazido por Sartre em *O Ser e o Nada*, agimos de má-fé quando nos definimos como ser professor, por exemplo. Cristalizamos nosso nada de ser nessa função de ser professor, de forma que nos permitimos ver o mundo e interpreta-lo a partir dessa identidade que cristaliza nossa consciência.

5. Considerações Finais

A atitude de má-fé caracteriza um tipo de postura classificado pelo filósofo francês como inautêntica. Trata-se do sujeito que foge de sua própria constituição ontológica. Para além da inautenticidade, o sujeito pode assumir uma outra postura diante do nada de seu ser caracterizada, não pela fuga – como é o caso da má-fé. Nesse caso, uma existência autêntica toma o nada de seu ser como uma possibilidade total e plena de se constituir. Ou seja, se o nada habita o homem, isso significa que ele se constitui como pura potencialidade: tudo ele pode ser. Emerge, assim, não um sujeito empastado e coagulado numa única identidade, mas um sujeito como multipossibilidade de ser, como total abertura de constituir-se autenticamente a partir de si mesmo. O nada de ser permite ao sujeito a condição intrínseca de ser livre. Afinal, para Sartre, a liberdade é possível num cenário em que o sujeito tem em sua constituição ontológica o nada de ser. Assim, somos livres porque somos nada de ser. O nada da consciência é, então, liberdade de ser, como multipossibilidade para viver autenticamente.

Referências Bibliográficas

BORNHEIM, Gérard. **Sartre: Metafísica e existencialismo**. São Paulo: Perspectiva.

BURDZINSKI, Júlio César. **Má-fé e autenticidade**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1999.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. Petrópolis: Vozes, 1997.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1987.

SARTRE, Jean-Paul. **A transcendência do ego**. Lisboa: Edições colibri, 1994.